



MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE

Estado de São Paulo
SEDUC - Secretaria de Educação

SEMANAS 35 e 36 PONTE DO SABER



Disciplina: Língua Portuguesa

9º Ano do Ensino Fundamental

Caro(a) aluno(a), nesta atividade, terminaremos a leitura do texto “Conto de Escola”, de Machado de Assis. Bons estudos!

Após a leitura, responda às questões de 1 a 6.

Conto de Escola

Machado de Assis

[...] Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se ilude à vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo. — Dê cá... Raimundo deu-me a pratinha, sorratamente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes [...]. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espia-la.

— Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? Disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagorosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre... soluzei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

— Mas, seu mestre...

— Olhe que é pior! Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dous serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma cousa?

"Tu me pagas! tão duro como osso!" dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dous meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A ideia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que

minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma cousa: Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E, contudo, a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

FIM.

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>

- 1- Levando em consideração que a história deste conto se passa no século XIX. Analise o contexto da sala de aula e responda:
 - A) De que maneira os alunos recepcionaram o professor?
 - B) Como se desenrolava a aula?
 - C) Qual a sua opinião sobre a punição dada pelo professor ao Pilar e ao Raimundo? Comente.
 - D) Esses aspectos observados na sala de aula são ainda praticáveis nos dias atuais? Explique.

- 2- Após a leitura completa do conto, muitos aspectos merecem ser discutidos e analisados, inclusive sobre as atitudes dos personagens. Diante disso, reflita e responda as questões abaixo.
 - A) Na situação de Raimundo, que estava com dificuldades de fazer a lição e tinha medo do professor, que era seu pai, como você agiria?
 - B) Qual a sua opinião em relação à atitude de Raimundo?
 - C) E se você fosse Pilar, aceitaria receber dinheiro e em troca ajudar seu amigo na lição?
 - D) Se você fosse Curvelo, como agiria se tivesse presenciado a mesma cena que ele presenciou?

- 3- No conto lido, o personagem protagonista foi
 - (A) parabenizado porque sabia e explicou alguns conhecimentos em troca da moedinha.
 - (B) agredido por um colega de sala de aula porque não lhe explicou alguns conhecimentos.
 - (C) punido porque se propôs a explicar alguns conhecimentos ao colega em troca de dinheiro.
 - (D) denunciado por um colega de sala de aula porque não lhe explicou alguns conhecimentos.

- 4- No fim da história, o personagem protagonista
 - (A) compreendeu os fatos positivamente, aprendendo sobre alguns conceitos na prática.
 - (B) arrependeu-se de ter ido à escola, pois lhe fora um dia inútil.
 - (C) no dia seguinte voltou à escola, pois o dia anterior lhe fora muito proveitoso
 - (D) compreendeu os fatos negativamente, sem qualquer proveito.

5- Leia o quadro abaixo e complete o que se pede.

Um conto, em geral, possui uma estrutura mais ou menos composta pelos seguintes momentos: **situação inicial** (ou apresentação), **conflito**, **clímax** e **desfecho**. Para compreender cada um desses momentos, leia os quadros que se seguem e preencha-os, analisando o conto “Conto de Escola”.

Apresentação

Apresentação

Geralmente, o início do conto, em que podem ser apresentados os elementos da narrativa (espaço, tempo, personagens), situando o leitor. Alguns contos modernos optam por omitir a apresentação, entrando, abruptamente, no assunto, provocando surpresa no leitor.

Conflito gerador

Conflito gerador

Momento em que surge um fato novo que muda o rumo da história.

Clímax

Clímax

Momento culminante, de maior tensão dentro da história.

Desfecho

Desfecho

Conclusão da história, normalmente apresentando a solução do conflito.

6- Analise o trecho final do conto: “E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação [...]” e responda as questões a seguir.

- Você conseguiu perceber a corrupção presente no conto? De que maneira? Explique.
- Você sabe o que é delação? Se não souber, pesquise no dicionário e/ou internet e escreva em seu caderno. Em que momento é possível percebê-la no conto?
- Apesar de o conto ser do século XIX, os temas abordados continuam sendo atuais? Há ainda em nosso cotidiano casos de corrupção e delação? Dê um exemplo de cada caso que veio à sua mente.